

*Um esqueleto no Paço  
Imperial: literatura e  
política em alguns  
folhetins no início da  
República*



## UM ESQUELETO NO PAÇO IMPERIAL: LITERATURA E POLÍTICA EM ALGUNS FOLHETINS DO INÍCIO DA REPÚBLICA

### RESUMO

Em março de 1890 apareceu um esqueleto no Paço Imperial. Pode-se imaginar a sensação que ocasionou o grande achado. Com a República recentemente instalada no país, o esqueleto do Paço causou grande repercussão na imprensa e gerou inúmeras notícias e folhetins que publicavam histórias romanceadas sobre o caso. Mas também gerou especulações sobre um crime que havia se dado há muitos anos e tinha na ossada a sua prova física. *Um Crime no Paço Imperial* foi publicado pelo jornal paulista *O Estado de São Paulo* trazendo, segundo o periódico, esclarecimentos sobre o *esqueleto do Paço*. Mas outros jornais, como a *Gazeta de Notícias* e o *Diário do Commercio*, também publicaram folhetins. O caso elucidado não somente os embates ocorridos na imprensa como também os significados políticos que uma descoberta como esta poderia ocasionar naquele momento.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Crime; República; Imprensa

Ana Gomes Porto<sup>1</sup>

UM ESQUELETO NO PAÇO  
IMPERIAL: LITERATURA E  
POLÍTICA EM ALGUNS  
FOLHETINS DO INÍCIO DA  
REPÚBLICA

UMA ESTRANHA E OPORTUNA DESCOBERTA

Entre os dias 20 de março e 12 de abril de 1890, o jornal *O Estado de São Paulo* divulgava, fora do espaço do rodapé, um folhetim em formato de notícia, *Um Crime no Paço Imperial*, veiculando a história de um crime misterioso, sempre na primeira página e diariamente. Segundo a folha, a coluna se destinaria a esclarecer um fato recentemente ocorrido no Rio de Janeiro: a descoberta de um esqueleto dentro de um caixão num dos compartimentos do Paço durante as obras para o funcionamento da repartição geral dos telégrafos no pavimento térreo.<sup>2</sup>

A partir do dia 14 de março, vários jornais cariocas divulgariam a descoberta do esqueleto sob diversas formas, desde pequenas notas<sup>3</sup> até comentários mais irônicos, como foi o caso da *Revista Illustrada*<sup>4</sup>, que teve no misterioso esqueleto um gancho para outras notícias. A *Gazeta de Notícias* e o *Diario do Commercio* foram ainda mais longe, publicando, assim como a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História na Universidade Estadual de Campinas. Este artigo é uma versão do primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado, intitulada *Crime em letra de forma. Sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano*. Campinas: Unicamp, 2003, orientada pelo Prof. Dr. Sidney Chalhoub. <aporto@unicamp.br>

<sup>2</sup> Como divulga o jornal *Diario de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1890.

<sup>3</sup> *Jornal do Commercio* e *Diario de Notícias*.

<sup>4</sup> *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 22 de mar. 1890, em Palavras por Ahi...: *Que essa história de aparecimentos de esqueleto e caveiras tem posto a pedra no sapato de muita gente e a pulga atrás da orelha de outra tanta...*

folha paulista, um folhetim. No caso do *Diario do Commercio*, o folhetim também se misturava às notícias, apresentando-se fora do espaço normalmente destinado a este tipo de narrativa.

O que sobressai claramente é o sentido que o episódio, amplamente noticiado, assumia na imprensa, dando margem à curiosidade dos leitores e ocasionando histórias e anedotas. Os jornais que publicavam histórias sobre o esqueleto do Paço não buscavam uma solução, pois, inicialmente (por mais estranho que fosse), outros jornais já haviam vinculado o aparecimento do esqueleto a um estatuário que mantivera atelier no Paço e utilizava a ossada (falsa) para os seus estudos anatômicos. Mais interessante para os fins dos jornais que publicaram folhetins era obter um aumento da vendagem com algo que tinha no evento simplesmente um ponto de partida.

No momento em que se investia na ampliação das vendas, no aumento do público, em tornar-se um empreendimento lucrativo, pode-se perceber uma relação dinâmica com este público, que não necessariamente era restrito aos assinantes, já que o jornal poderia passar por diversos outros leitores, e inclusive ouvintes.<sup>5</sup> Sendo a imprensa uma espécie de fórum, no qual se engendram significados coletivos, a repercussão social obtida pela descoberta do esqueleto acabaria permitindo uma exploração mais incisiva do caso. Pode-se supor, então, que o caso do esqueleto obteve êxito não somente porque os jornais tiveram interesse no fato, mas por ser algo que fazia parte de representações coletivas mais amplas.

O motivo para isso não estava somente no mistério que rondava a descoberta, mas no lugar em que foi encontrado. Depois de apenas alguns meses da instalação do novo regime republicano, um esqueleto em um caixão enterrado sob o Paço Imperial era, no mínimo, um assunto que dizia respeito a um passado muito recente. O esqueleto encontrado no Paço possuía diversos significados simbólicos que remetiam ao período imperial e a um passado político que, no início da República, se tentava superar. Desta forma, a ironia com que alguns jornais cariocas

---

<sup>5</sup> Para o tema, ver MEYER, M. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, A. (Org.). *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

tratam o caso é mais do que senso de humor frente a uma descoberta estranha, revelando um certo incômodo relacionado à notícia.

O jornal paulista *O Estado de São Paulo*, seguindo seus concorrentes fluminenses, aproveitou a notícia para publicar uma narrativa em forma de folhetim que, como veremos, possuía diversos significados, também relacionados ao passado imperial e à recém-fundada República. Este jornal, porém, apresentava uma explicação própria, distante daquela relacionada ao estatuário, sugerindo a existência de um crime no local.

Considerando-se o caráter mais empresarial da imprensa do fim do século XIX, parece evidente a importância de se atingir um público variado, e a única forma de se fazer isso era tornar o espaço jornalístico, mais do que um meio de divulgação de mensagens de caráter pedagógico, um meio de aproximação efetiva da vida dos diversos leitores/ouvintes.<sup>6</sup>

Para que o jornal funcionasse tanto como um empreendimento comercial que tinha interesse no aumento das vendas e no lucro quanto um espaço no qual questões sociais eram amplamente discutidas, torna-se necessário pensar que existiu, em algum nível, um compartilhamento cultural entre aqueles que produziam, liam ou ouviam as colunas dos periódicos, possibilitando operar mais realisticamente com esta fonte.

## OS VÁRIOS ESQUELETOS DA IMPRENSA

Na seção denominada *Varias Noticias*, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, apareceu a seguinte nota:

*Em um dos compartimentos do Paço da cidade foi encontrado ontem um esqueleto humano, completo e bem assim um caixão funerário de molde inglês.*

---

<sup>6</sup> Robert DARNTON, ao comentar o texto de autoria de CONTAT, fonte principal de *O Grande Massacre de Gatos*, diz: *Se ele adota um estilo demasiado oracular, não será entendido, pois a inteligibilidade depende de um sistema comum de sentidos, e os sentidos são compartilhados socialmente.* DARNTON, R. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.* São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 295.

*Supõe-se que o esqueleto pertencia a um estatuário, que ali residia e trabalhava.<sup>7</sup>*

As primeiras notícias sobre o esqueleto encontrado no Paço Imperial, fornecidas pelo *Jornal do Commercio e Diario de Noticias*, não tiveram grande destaque, possuindo somente um caráter informativo no que dizia respeito à sua origem. Dois dias após, entretanto, outros jornais fluminenses adquiriam postura bem distinta.

A *Gazeta de Noticias* foi a primeira folha a explorar o caso de maneira mais incisiva com a publicação de um folhetim, que teve início no dia 17 de março de 1890, embora anteriormente já fizesse referências ao assunto. O caráter publicitário é relevante e chama atenção a ironia com que o assunto foi abordado:

*Foi o caso, que o homem cuidava há tempos em investigações e estudos profundos sobre um fato dos tempos coloniais, e eis senão quando, um pedreiro, com uma enxada, uma simples enxada, cavou mais fundo do que ele, e descobriu o esqueleto no antigo Paço da Cidade. – Estou roubado! Exclamou Victor Leal. E correu para o escritório, e pediu ao ‘Hastoy’ que lhe tirasse o retrato, antes que o Diario do Commercio venha dizer que foi ele o primeiro que pensou em escrever um romance sobre o esqueleto, ou que é ele o defensor acérrimo de todos os oprimidos, do comércio, da indústria e dos esqueletos. Para fazer-lhe a vontade, damos hoje o retrato de Victor Leal, o ilustre literato; amanhã daremos o esqueleto, reproduzido do natural; e depois de amanhã começaremos a publicar o romance.<sup>8</sup>*

---

<sup>7</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1890. O *Diario de Noticias* do mesmo dia também comenta o fato, acrescentando a ocorrência das obras do telégrafo no local e o nome do escultor, que deveria tratar-se do grande estatuário Almeida Reis. A presença de escultores e outros artistas com atelier no Paço era comum durante o Império. Ver SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>8</sup> *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1890.

O *Esqueleto: mistérios da Casa de Bragança*, foi publicado até 31 de março de 1890 no rodapé do jornal e trazia todas as características de um romance destinado a este espaço, de maneira que o suspense se mantivesse até o final. Além disso, desenhos dos personagens e dos acontecimentos narrados eram incluídos nos capítulos, chamando ainda mais a atenção do leitor para a história. Victor Leal, o autor do romance, estaria publicando o seu primeiro trabalho e a folha inseria, antes mesmo do início do folhetim, um retrato seu, que seria seguido por uma imagem do próprio esqueleto:

*Nesse retrato, gravado por Hastoy, Victor Leal aparecia como um mocinho esbelto, de bigodinhos encalamistrados, chapéu desabado à Van Dick, cabeleira à 1830, e um grande ar de supremo desaforo e de insolência suprema na face e no modo de vestir. O primeiro capítulo do romance deixou no ânimo dos leitores a mesma impressão deixada pelo retrato. O estilo do escritor era como a sua fisionomia: um estilo ultra-romântico, trajando gibão de veludo azul e botas de couro de Córdoba, e mão tão pronta a fazer vibrar o alaúde em louvor da primeira dama, como a sacar da espada em castigo do primeiro insolente.<sup>9</sup>*

A narrativa começa com a descrição da *bodega do Trancoso*, lugar importante para o desenrolar da história, pois era nele que alguns dos personagens encontravam-se todas as noites. O personagem principal é Ângelo Palligrini, italiano de família fidalga, que chegou ao Brasil com a Corte de D. João VI, acompanhando D. Bias, fidalgo espanhol. Já no primeiro capítulo, Satanás - como Palligrini era conhecido - surge em uma luta de espadas na qual *mais alto que o tinir das espadas soavam as pragas dos combatentes*. Victor Leal trazia à cena um herói com uma história de vida romanticamente dramática: Palligrini ficou órfão na noite do seu nascimento devido a uma vingança contra o seu pai, foi salvo *por um milagre* e teve a sorte lida por uma bruxa cigana, que predizia horrores para a sua vida. Na adolescência

---

<sup>9</sup> *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 17 out. 1893.

matou o seu tio e tutor, assassino de sua tia e amante, fugindo logo após, e desde então a sua vida foi de aventuras, convivendo com piratas e guerreiros, até a sua vinda para o Brasil.

Era este herói ultra-romântico que seria fundamental ao desenrolar da história: além da função de mestre de armas, era o alcoviteiro do príncipe regente. Sua vida era tida como misteriosa e secreta, mas na realidade, o seu único segredo era uma filha, que visitava todas as noites e buscava cuidados para não expô-la à Corte *infestada da depravação dos fidalgos portugueses*. Assim, o drama está centrado na ambigüidade vivida por Palligrini, que protege a sua filha de uma depravação fidalga da qual faz parte. Anos mais tarde, Olavo Bilac esclareceria que Victor Leal era um heterônimo composto coletivamente:

*Bastaria, no entanto, olhar com afeição o retrato de Victor Leal, para descobrir o segredo agora desvendado por Aluísio Azevedo no prefácio da 'Mortalha de Alzira'. Havia, com efeito, nesse retrato os olhos adoráveis de Aluísio Azevedo (os mais belos olhos de homem que conheço, leitora!), a vivacidade felina da fisionomia de Coelho Neto, a pose à d'Artagnan de Pardal Mallet, e o nariz titânico, descomunal, de quem está agora escrevendo estas coisas. Éramos nós - o romântico Victor Leal.*<sup>10</sup>

Embora fosse um falso autor, como o próprio Aluísio Azevedo afirma no prefácio de *Mortalha de Alzira*, o público estaria propenso a acreditar na existência de um escritor muito moço e romântico chamado Victor Leal, o qual já escrevera uma complicada história fantasiosa intitulada 'O Esqueleto'. Apesar da indicação da criação de um autor com a participação dos quatro literatos, no caso d'*O Esqueleto*, a autoria verdadeira era de Olavo Bilac e Pardal Mallet.<sup>11</sup>

A referência a um escritor romântico não era isenta de intenções maliciosamente irônicas a respeito do romantismo.

<sup>10</sup> Id.

<sup>11</sup> Todas as citações referentes ao folhetim, o prefácio de Aluísio AZEVEDO e a crônica de Olavo BILAC foram utilizadas a partir de uma publicação feita recentemente em livro. Este folhetim estava incluído como parte das *Obras Completas*, de Aluísio Azevedo e a intenção dos autores da recente

Pallingrini era incrivelmente semelhante ao autor fictício e descrito de maneira caricatural:

*Por sobre o chapéu de abas largas, via-se um rosto bem modelado em ângulos violentos de decisão e afoiteza. O espesso e comprido bigode militar, que o sarro dos cachimbos amarelecera, recurvava-se fantásticamente numas pontas erguidas para o céu como um ameaça de cornos de Satanás. O nariz e o queixo eram pontiagudos, fazendo-lhe a cara estreita e cortante como a cabeça dos peixes e a quilha dos navios.<sup>12</sup>*

O personagem Pallingrini (ou Satanás), paródia dos romances de capa-e-espada, usa sua *valentia* somente para proteger D. Pedro nas suas *costumeiras excursões noturnas*<sup>13</sup>. Proteção esta contraditória a partir do momento em que outra cigana lê o destino de D. Pedro e Satanás, prevendo a morte de um deles: *sabem melhor vocês dois, porque um, não sei qual, tem de morrer pelas mãos do outro.*<sup>14</sup>

O drama se centrará nesta premonição: D. Pedro acredita que um *fim tenebroso* só pode pertencer aos *valentes lidadores do progresso humano*<sup>15</sup> como ele próprio se considera. A história alterna-se entre os eventos políticos anteriores à Independência do Brasil e as contínuas buscas de amantes por D. Pedro. Finalmente, ele resolve *libertar-se* da tutela alcoviteira de Pallingrini e conseguir uma amante sozinho: esta, seguindo a ironia

---

publicação seria esclarecer os verdadeiros autores do romance. Curioso é que ninguém notou que este folhetim estava inserido entre a publicação de outros dois folhetins, de jornais diferentes e que todos levavam em conta a notícia do esqueleto encontrado no Paço. Talvez a única explicação para o fato seja a ausência de fama (atual) dos autores dos outros folhetins. Na realidade, inseri-lo no contexto em que foi produzido pode dizer mais do que inseri-lo entre as obras de determinados (famosos) literatos. Ver BILAC, O. e MALLETT, P. *O esqueleto: mistérios da Casa de Bragança*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

<sup>12</sup> BILAC; MALLETT, loc. cit., p. 17

<sup>13</sup> Ibid., p. 24

<sup>14</sup> Ibid., p. 33

<sup>15</sup> Ibid., p. 34

dramática do romance, não poderia ser outra a não ser a filha de Palligrini, Branca. D. Pedro acredita que Branca é a amante de Palligrini e conclui que o desfecho seria melhor ainda neste caso, pois a sua conquista seria completa, contando com a ajuda de D. Bias. Mas o príncipe não consegue seduzir a moça e acaba sendo violento, quando surge Paulo de Andrade, capitão de guardas de D. Pedro, que amava Branca e pretendia casar-se com ela:

*Esquecera-se já dos tristes sucessos da casa da rua do Conde. A princípio, o remorso lhe apuara o coração, vendo-se o causador daquela desgraça. Branca resistira com uma tenacidade, que ofendera a sua vaidade de conquistador irresistível. Era a primeira mulher que opunha um obstáculo à satisfação de um desejo seu. Ferido no amor próprio, não recuou diante de nenhuma violência. Nenhuma das outras recusara aquela honra, nenhuma! [...] E era aquela criança tímida e fraca, era aquele pedacinho de gente, que lhe vinha cravar os olhos na face, atrevidamente, corajosamente, e dizer-lhe sem tremer: – Não te quero, não te desejo, não serei tua, porque não te amo, porque amo um outro que é mais belo, que é mais forte do que tu! [...] Mas Paulo recusara, preferindo matar-se a erguer a mão contra ele. E vendo-o morto, o príncipe, compreendendo que ia haver um escândalo, saiu daquela casa, fugindo do lugar onde fora procurar um gozo passageiro e onde ganhara um remorso terrível. Agora, porém, essa preocupação fora sufocada por outras mais sérias. O homem desaparecera. Em seu lugar ficava apenas o príncipe, com toda a grave responsabilidade de uma conspiração política.<sup>16</sup>*

O crime da Rua do Conde foi comentado durante vários dias, mas ninguém soube do envolvimento de D. Pedro, nem mesmo Palligrini, que só tomaria conhecimento da verdade através de D. Bias, dias após o ocorrido. O fidalgo espanhol, descrito como medroso e interesseiro, acaba apaixonando-se por Branca e mantendo-a prisioneira, pois, após a morte de Paulo,

---

<sup>16</sup> Ibid., p. 57-58

ela enlouquece e acaba por confundi-lo com D. Bias. Assim, ela era a única pessoa que mantinha afeto pelo fidalgo. Mas, suspensa a tragédia da Rua do Conde, após uma peixada e uma noite de amores em Santos, D. Pedro é chamado às pressas para retornar à Corte:

*E não falou mais, senão quando, no vale do Ipiranga, ...ordenou que se fizesse uma pequena parada de descanso, antes de entrar na cidade. Todos se apearam. Na serenidade da tarde, as palmeiras bracejavam no ar. Havia uma grande suavidade no céu muito azul, limpo de nuvens, cortado de asas. Os cavalos saíram pelo campo, a pastar. Os soldados estenderam-se na relva, prostrados por aquela caminhada longa, ao sol forte de setembro. Abriram-se as garrafas de cana, acenderam-se os cigarros. D. Pedro e Satanás falavam de Marta, da peixada de escabeche, da beleza de Maria. – Homem, por falar em peixada... fez D. Pedro, e disse uma coisa que fez o outro rir muito. O príncipe riu também, e levantando-se, entrou numa moita. [...] O comandante do regimento foi procurar o príncipe. Encontrou apenas o Satanás, sentado numa pedra, cotovelos sobre os joelhos, face sobre os punhos, pensando. – Onde está o príncipe? O Satanás levantou os olhos e disse gravemente: – Espere um pouco. Está ocupado. Foi apanhar uma parasita.<sup>17</sup>*

O folhetim reitera o anedotário da independência e constrói uma imagem de D. Pedro negativizada pelas constantes amantes e bebedeiras, uma vida que não condizia com a de um chefe de Nação, embora fosse coroado com *a glória da fundação de uma grande nacionalidade*.<sup>18</sup> Retornando ao Rio de Janeiro, Satanás descobre que o culpado pelo sumiço de Branca foi o Príncipe Regente. A partir de então, buscará somente a vingança e esta não estava na sua morte, mas em tê-lo vencido:

*Para que matá-lo? Embora o horóscopo fatídico da cigana aí estivesse a dizer que um dos dois devia*

---

<sup>17</sup> Ibid., p. 61-62

<sup>18</sup> Ibid., p. 60

*morrer pela mão do outro, ele não queria matar o príncipe. Queria-o miserável e vencido, morto no seu orgulho, arrastando uns dias infaustos de vilipêndio, martirizado por essa angústia de abatimento, que é o suplício dos fortes.*<sup>19</sup>

Satanás tornava-se o grande perseguidor de D. Pedro, que, finalmente, é aclamado pelo povo como Imperador do Brasil. A comemoração da vitória é simultânea à morte de Branca e conseqüente ida de Pallingrini à Europa. Não contrariando o apelido, Pallingrini acaba conseguindo a vingança desejada. Esta não é explicitada pelo folhetim, mas se pode supor que a intenção dos autores foi criar não somente um vínculo entre D. Pedro e o mal (Satanás) como também mostrar que ele foi vencido pela história, que o obrigou a abdicar do trono. Nos primeiros momentos republicanos, o passado imperial instalado pela família de Bragança tinha seus mistérios e crimes desvendados. O esqueleto toma lugar na narrativa somente no último capítulo, onde não é mais que uma brincadeira feita por D. Pedro para assustar D. Bias:

*E largou o esqueleto que então caiu todo inteiro sobre D. Bias. Foi, neste momento, um espetáculo diabolicamente nunca visto e nunca sonhado até então. Por entre os lençóis e a capa, no belo contraste do preto e branco, debatiam-se os dois. D. Bias a contorcer-se todo, querer desvencilhar-se desse novo companheiro de dormida, animava-o, fazia-o viver, emprestava-lhe movimento. [...] E com os movimentos que tentava, o esqueleto movia-se também, recolhia o braço num amplexo que horripilava o outro, intrometia a perna entre as do fidalgo das espanhas, ligava-se-lhe enfim numa bela conjunção amorosa.*<sup>20</sup>

Finalmente, D. Bias descobre que se tratava de um falso esqueleto e joga-o no armário, afirmando que seria uma grande peça pregada às gerações futuras, como realmente foi. Este

---

<sup>19</sup> Ibid., p. 68

<sup>20</sup> Ibid., p. 98-99

folhetim, construído sobre uma descoberta estranha mas real, dava margem a especulações sobre o período imperial. A *Gazeta de Notícias*, apesar de não ser uma grande propagandista da República, como foi o caso d'*O Estado de São Paulo*, defendia, em grande medida, a instalação do novo regime, o que é reforçado pela existência de um romance-folhetim que veiculava uma imagem de D. Pedro I ligada a crimes e mistérios.

O *Diario do Commercio*, semelhantemente à *Gazeta de Notícias*, apresentava o *caso do esqueleto* com uma pitada de sarcasmo, aproveitando para se referir aos tão comentados seguidores da Doutrina Espírita:<sup>21</sup>

*Nem por muito madrugar se acorda cedo! Exemplo vivo disso está no specimen que acima publicamos. ...tão logo que soubemos da tal história do esqueleto arranjamo-nos de modo que não só viemos a saber de quem era o esqueleto como do que fez por este mundo a individualidade respectiva e, o que é mais, quais os seus modos de ver sobre as coisas do Brasil. [...] Evocamos, por intermédio de ilustres mestres da nova Doutrina Espírita, o espírito da personalidade humana a que pertenceu o esqueleto do Paço e são as suas revelações que publicamos. Mal sabíamos nós que a nossa simpática Gazeta de Notícias também já houvera pensado em tal, com a diferença de que vai imaginar um romance, devido à pena de Victor Leal. Mas, em que pesa à Gazeta, foi evidentemente o Diario do Commercio quem primeiro lembrou-se disso.*<sup>22</sup>

O *Esqueleto do Paço: história d'além túmulo*, publicado entre os dias 18 de março e 13 de abril de 1890 tinha, apesar de algumas aproximações, uma diferença substancial em relação à *Gazeta de Notícias*: o seu folhetim não se situava no rodapé do jornal. A citação indica o fato de a *Gazeta de Notícias* imaginar um romance e, certamente, como romance, o folhetim estaria no rodapé da folha. Já o *Diario do Commercio*, apesar do corte característico do formato em folhetim, a história do esqueleto no

---

<sup>21</sup> Era comum encontrar propaganda de médicos espíritas no jornal.

<sup>22</sup> *Diario do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1890.

Paço era escrita na primeira página, em local normalmente destinado a outras notícias (de caráter informativo) e ocupando um grande espaço (quase duas colunas). No rodapé — lugar destinado a este tipo de história — vinha outro folhetim, este sim um romance.

Mas, embora ocupasse o lugar de uma notícia real, para um leitor mais atento, a dubiedade da citação não passaria despercebida. Tentando aproximar a história de um evento verídico, o jornal optou por publicá-la no espaço destinado às notícias; mas as últimas palavras da citação acabariam por desvendar outras intenções: mesmo com a diferença de que a *Gazeta de Noticias* iria apresentar um romance assinado devidamente por um (suposto) literato, o *Diario do Commercio* foi o primeiro a *lembrar-se disso*. E lembrar-se especificamente de quê? Da possibilidade tanto da investigação e publicação da misteriosa descoberta quanto da imaginação de um romance. Assim, o *Diario do Commercio*, apesar do disfarce de notícia, acabava por confessar que também faria um romance baseado na descoberta do esqueleto no Paço Imperial. Portanto, os dois jornais colocam-se como concorrentes e se promovem com o caso do esqueleto, criando romances a partir de algo muito comentado na imprensa, com grande repercussão social. Não existe nenhuma intenção em esclarecer melhor a origem do esqueleto e, mesmo que os folhetins a apresentem, não há de fato nenhum *caso mal resolvido*.

Ambos têm como enfoque histórias que envolvem diretamente a Corte e a Família Imperial. No *Diario do Commercio*, o enredo se passa na época de D. João VI e o personagem principal, Ruy de Castro, é um dos nobres emigrados de Portugal que acompanharam a Família Real. Como no folhetim da *Gazeta de Noticias*, existem mortes suspeitas. Embora a história não caminhe em torno delas, a atenção é voltada para as características de alguns personagens e suas formas criminosas de agir.

Segundo o autor,<sup>23</sup> os nobres da corte portuguesa eram todos ociosos e inúteis. Ruy de Castro passava o tempo em busca

---

<sup>23</sup> O nome do autor não é revelado em nenhum momento. Entretanto, em notícia do jornal *O Noticiariista de Taubaté* (transcrita pelo *O Estado de São Paulo*), evidencia-se que Castro Lopes era o autor da história. *O Estado de São Paulo*, 25 mar. 1890.

de aventuras amorosas. Em função destas acaba por cometer crimes, sendo um deles a morte de Anatólio de Abreu, pai de Margarida, jovem e boa moça que fora criada com todos os cuidados pelo pai e irmão, Alfredo de Abreu, e que também é morta por Ruy de Castro. Margarida, irmã de Alfredo e filha de um negociante brasileiro de molhados foi criada afastada dos perigos a que poderia se expor com a presença dos nobres. Semelhança que aproxima a criação que Palligrini, em *O Esqueleto: mistérios da Casa de Bragança*, tentava fornecer à sua filha Branca:

*Chamava-se Margarida. Nascera e criara-se entre as flores, isolada, pela vigilância paterna, do ruído do mundo, das misérias da capital da colônia de que a arredara seu pai, conhecedor perfeito dos perigos a que então se expunha. [...] Muitos do séqüito leviano do rei emigrado não respeitavam coisa alguma, desde o direito sagrado de propriedade, que era violado sob o pretexto do alojamento para os nobres, até o pudor das moças bonitas, em quem farejavam meia dúzia de dias de libidinosos prazeres. Filha de um honrado negociante de molhados, Anatólio de Abreu, crescera a moça entre os desvelos paternos e as atenções de seu único irmão, Alfredo de Abreu, nessa época estudante do último ano do curso médico.<sup>24</sup>*

Igualmente, Margarida sofre com a invasão da nobreza portuguesa na sua vida e acaba sendo vítima de um desses nobres que, com a falsa promessa de casamento, consegue com que a moça abandone o lar paterno e fuja com ele. Após uma vida de expectativas de que o fidalgo se casasse com ela, morre envenenada por ópio, pois Ruy de Castro, sentindo-se pressionado pela sua presença e a de seu filho, tenta livrar-se dela para que pudesse, enfim, juntar-se a Mathilde, a única que considera como digna de ser a sua verdadeira mulher. Entretanto, Mathilde, uma boa moça que ajuda a todos que pode, não o quer mais por ter descoberto o que ele fez à pobre moça. Após

---

<sup>24</sup> *Diario do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1890.

coincidências que aproximam o médico Alfredo de Abreu da dama da Corte, fazendo com que os dois se apaixonem, Mathilde conta-lhe a história de Margarida. E é Alfredo que, finalmente descobrindo o paradeiro da irmã, presencia o seu assassinato:

*Tenham a bondade de entrar, meus senhores, disse o médico... acabo de examinar a doente... dorme profundamente e não acordará tão cedo... é mesmo possível que não acorde mais... a pessoa que ministrou a dose precipitou-se e derramou no caldo maior quantidade do que a necessária para completar o abatimento daquela organização deteriorada. Falta de prática. Seria mais humanitário e mais rápido o emprego de um punhal... Há ocasiões em que chegamos a perdoar o assassino pelos meios que emprega para matar a vítima; na própria crueldade descobre-se às vezes um pouco de compaixão...*<sup>25</sup>

Tentando associar elementos negativos ao período imperial, o autor desenvolve um enredo que tem nas características dos personagens um ponto fundamental e imprescindível para que esta mensagem se efetue. Consegue-se imaginar claramente os personagens idealizados como parte do bem e aqueles idealizados como parte do mal. A Corte é mostrada como o centro das atenções, porém, aqueles que aderem a ela são vistos negativamente. O médico e Mathilde, apesar de possuírem vínculos com o rei, vivem desgostosos com esta situação, tanto que, no final do folhetim, casam-se e se retiram totalmente da Corte.

Ruy de Castro era um *fidalgão inútil e pervertido* que, emigrado para o Brasil, só causou desgraças aos brasileiros. Com a sua morte no final da história — obrigado a se suicidar — o médico e Mathilde casam-se e o nobre é esquecido, até que encontram o seu esqueleto enterrado no Paço. As ações do fidalgo português resumem-se a criar golpes para conquistar seus amores. Para isso tem como grande ajudante um “mulato” sexagenário de nome Lourenço. Ele é o mentor dos golpes de Ruy de Castro, que sempre acabavam em morte. Carapinha é outro mulato que

---

<sup>25</sup> *Diário do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1890.

ajuda o nobre, estando a diferença no fato de que este último fazia parte da numerosa classe dos faquistas:

*Naquela época o Rio de Janeiro era, pelo que rezam as crônicas, muito mais perigoso do que é hoje. Embora ainda não bastante conhecida a instituição da navalha, existia a classe numerosa dos faquistas, mulatos da pior espécie, sem entranhas e sem amor para com o próximo a quem sacrificava na primeira esquina, mediante paga insignificantiíssima de qualquer mandante.<sup>26</sup>*

A descrição de Carapinha vem alguns dias depois, quando se encontra com Ruy de Castro para *fazer um serviço*, isto é, ajudar no rapto de Margarida. Durante o rapto, ele tem uma briga com o pai da moça, que é morto a facadas:

*O Carapinha era um mestiço de estatura avantajada, largo de ombros, 'cavaignac' retorcido e expressão fisionômica de cinismo e audácia. Vinha-lhe a alcunha do cabelo em que ele punha todo o cuidado e atenções, conservando-o sempre dividido ao lado de modo a ficar a trunfa bem erguida, nos exageros de elegância canalha. [...] Ruy de Castro fitou nele um olhar interrogador e demorou-se alguns segundos em contemplar aquele genuíno espécimen do malandro atrevido e insolente, freqüentador das tabernas e dos lupanares, sempre disposto a vender a consciência e o pulso a quem mais desse em pagamento.<sup>27</sup>*

A negativização do Império vem em decorrência da presença de pessoas como Carapinha e Lourenço, porém mais ainda da presença dos nobres no Brasil. A solução proposta pelo folhetim estava na substituição dos ociosos nobres por pessoas como o Dr. Alfredo de Abreu, jovem médico renomado. Pode-se dizer que há uma idealização da sociedade, baseada na oposição de personagens. O nobre e todos aqueles que

---

<sup>26</sup> *Diario do Commercio*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1890.

<sup>27</sup> *Diario do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1890.

caracterizam a Corte são vistos negativamente. A filha do negociante de molhados, Mathilde e o médico que se fez sem nenhuma suposta *vantagem de sangue* são caracterizados, entretanto, como os participantes de uma sociedade considerada ideal. Os “mulatos” ou “mestiços” são percebidos somente como acessórios dos outros personagens. Além da ausência de negros — pois sempre são citados os “mulatos” e os “mestiços”. Alfredo, quando resolve vingar-se de Ruy de Castro e fazer justiça, utiliza-se, também, de serviços de uma polícia própria, formada por “mestiços”. Para fazer o bem ou para fazer o mal, faziam parte da sociedade, mesmo que se tentasse excluí-los.

*O Estado de São Paulo*<sup>28</sup> dava amplo apoio à nascente República, que tinha, como um dos responsáveis pelo Governo Provisório de São Paulo, ninguém menos que o seu redator político e acionista Rangel Pestana. Portanto, percebe-se uma intenção mais do que clara com relação à implantação efetiva do que chamavam da *nova ordem*. Várias matérias publicadas nos meses imediatos à implantação do novo regime e que diziam respeito exclusivamente a ele, remetiam o período imperial ao atraso. O progresso era percebido como intrínseco à República e mais do que isso, a imagem que estava sendo transmitida era a de que os paulistas eram os grandes responsáveis pelo seu advento.<sup>29</sup>

Além da alteração do nome, ligada exclusivamente à mudança de regime<sup>30</sup>, 1890 foi um ano particularmente diferenciado dos outros. Até meados de 1889, a folha possuía duas seções mais gerais: o noticiário e a sessão livre. Com tiragens ao redor de 5.000 exemplares (número pequeno se comparado à *Gazeta de Notícias*, por exemplo), a folha paulista começa a mudar a configuração das suas reportagens em meados de 1889.

---

<sup>28</sup> Segundo SCHWARCZ, L. M. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, *O Estado de São Paulo* foi uma iniciativa de fazendeiros e profissionais liberais vinculados aos proprietários do Oeste paulista e ao PRP. Fundado como simpatizante da República, só assume esta postura oficialmente em 1884. É relevante a presença das teorias positivistas e científicas do momento nas diversas seções, com a constante ênfase no progresso, na civilização e na evolução da sociedade.

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, *O Estado de São Paulo*, 20 nov. 1889.

<sup>30</sup> Seguindo as mudanças oficiais, o nome mudou de *A Província de São Paulo* para *O Estado de São Paulo*.

A série Pipocas foi a primeira entre diversas que apareceriam, principalmente no ano de 1890. Era assinada por Paff, pseudônimo de José Hipólito da Silva Dutra e trazia versos baseados em histórias do cotidiano, de tom marcadamente humorístico. As reportagens assinadas, além da presença de muitos pseudônimos, aumentariam em finais de 1889 e, em 1890, o jornal possuía uma aparência bem diversa dos anos anteriores e posteriores, pois, já em meados de 1891, as séries assinadas desapareciam e o tom do jornal era voltado para o que chamavam de Notícias Diversas.

O que deve ser ressaltado é o caráter literário da folha no ano de 1890, com a valorização de textos de novos escritores e poetas que eram sempre destacados na primeira página. As colunas eram relativamente fixas: Fogo Fátuo, assinada por Chico Tesoura, que escrevia versos sobre os mais diversos acontecimentos do cotidiano; Continhos, assinada por Sota e Az; Pipocas, assinada por Paff; Contos Suaves, de Marcos Valente; Semana Fluminense, com autores variados; Duas Palavras, de Tagarella; História dos Sete Dias, de Filindal.<sup>31</sup>

Se repararmos no jornal como um todo, havia uma presença maciça de notícias contra a Monarquia e também contra Portugal. O fato de a Família Imperial brasileira estar ligada a Portugal fazia com que este país e tudo o que se relacionava a ele também fosse foco de críticas por parte dos republicanos da folha paulista.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Marcos VALENTE seria o pseudônimo de Valentim MAGALHÃES e FILINDAL, de Filinto de ALMEIDA.

<sup>32</sup> O jornal *O Estado de São Paulo* parecia tornar-se um órgão do governo republicano, naquele início de 1890. O *Correio Paulistano*, principal concorrente paulista d'*O Estado de São Paulo*, em um artigo intitulado *Contra-Proteto* afirma que o jornal concorrente era o órgão oficial do governo, pois nada dizia contrário às suas atitudes. Com o decorrer do ano é perceptível a mudança de atitude do jornal, que começa a fazer algumas críticas à política oficial. Ver, por exemplo, *Historia dos sete dias*, de 11 de agosto de 1890. Apesar da crença na República estar presente no texto de FILINDAL, há algumas críticas: *Mas a Republica, a Republica que tão ardentemente pregamos no mais fervoroso e no mais abnegado dos apostolados. Mas a Republica deixou-se contaminar do último vício inventado e explorado pela monarquia escorraçada...* Curioso como, apesar de aceitar vícios na recente República, eles são vinculados ao passado imperial do país.

A presença de muitos pseudônimos e nomes falsos fornece indícios sobre a forma como o jornalismo operava. Jean-Ives Mérian,<sup>33</sup> ao analisar *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, mostra que a propaganda ao redor da sua publicação não se limitou ao uso de panfletos e cartazes, mas também de notícias no jornal:

*Acha-se entre nós o Dr. Raimundo José da Silva, distinto advogado que partilha de nossas idéias e propõe-se a bater os abusos da igreja. Consta-nos que há certo mistério na vinda deste cavalheiro.*<sup>34</sup>

Segundo Mérian, além de anúncios do livro na imprensa, havia a referência a pessoas fictícias como reais. Na verdade, o dr. Raimundo era um personagem do livro. A mescla entre realidade e ficção não acabou logo: em seguida, algumas cartas foram publicadas em jornais maranhenses, discutindo a importância da leitura de *O Mulato* para as duas moças que as assinavam – Júlia e Antonieta. Como assinala Mérian, os verdadeiros autores das cartas eram dois amigos de Aluísio Azevedo e que, por intermédio delas, tentavam chamar a atenção dos leitores para o livro.

Machado de Assis também se utilizou de pseudônimos para fazer publicidade sobre um folhetim publicado no *Jornal das Famílias* em 1865. Como nos informa Raimundo de Magalhães Júnior, os ‘a pedidos’ do *Correio Mercantil* veicularam uma polêmica que mal dissimulava os propósitos publicitários que a inspiraram.<sup>35</sup> Tratava-se de uma discussão acerca da moralidade do folhetim publicado no *Jornal das Famílias*, provocada pelo próprio autor do folhetim – Machado de Assis – que era o autor das cartas de ambos os debatedores. Ao comentar os diferentes tipos de autor-modelo, Umberto Eco fala sobre um autor-modelo disfarçado, o detetive Arthur Gordon Pym, de

<sup>33</sup> MÉRIAN, J. Y. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 258

<sup>35</sup> MAGALHÃES JUNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. p. 322. (Agradeço a Marco Cicero Cavallini por esta referência.)

Edgar Allan Poe, tido como exemplar pelo autor.<sup>36</sup> Na verdade, as histórias ficcionais eram cercadas por uma aparência de realidade desde o século XVIII.<sup>37</sup>

Nos jornais brasileiros, os pseudônimos eram um outro tipo de disfarce na hora da publicação de textos. *O Estado de São Paulo* não economizou nesta utilização, principalmente no ano de 1890. A referência a textos e principalmente cartas, aparentemente de pessoas reais, era um recurso de linguagem da folha. A Carta de Um Malandro, publicada no dia 18 de janeiro de 1890, assinada sob o pseudônimo de Marcos Valente<sup>38</sup> pode ser elucidativa neste sentido e, se lida isoladamente, até convencer o leitor (inclusive alguns da atualidade) de que se tratava realmente da carta de um malandro, enviada ao jornal para defender os seus direitos de *cidadão ocioso*.

Em *Um Crime no Paço Imperial*, folhetim publicado n' *O Estado de São Paulo*, o narrador, que se denomina o autor do texto, é o advogado de Itapetininga, Dr. Florêncio de Araújo Fontes — o que, na verdade, não passava de um recurso para chamar a atenção para a leitura da *extraordinária notícia* que a folha publicaria nos próximos dias, notícia que, na realidade, era um folhetim.

---

<sup>36</sup> O texto data de 1837 no *Southern Literary Messenger* e, em forma de livro, de 1838: *Havia um prefácio assinado por A. G. Pym, que apresentava as aventuras como fatos e dizia aos leitores que, no Southern Literary Messenger, 'o nome do sr. Poe foi acrescentado aos artigos', porque ninguém teria acreditado no relato, de maneira que não haveria problema em apresentá-lo 'sob a aparência de ficção'. Assim, temos um sr. Pym, que se declara um autor empírico e que é também o narrador de uma história verdadeira, e, ademais, escreveu um prefácio que faz parte não do texto narrativo, e sim do 'paratexto' [mensagens que acompanham e ajudam a explicar determinado texto]. ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 24.*

<sup>37</sup> Carlo GINZBURG comenta sobre as histórias de ficção com aparente caráter de veracidade nos romances dos séculos XVIII e XIX. GINZBURG, C. Provas e possibilidades a margem de *Il Retorno de Martin Guerre*, de Natalie Zemon Davis. In: \_\_\_\_\_. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

<sup>38</sup> Marcos VALENTE, o literato Valentim MAGALHÃES, assinava a série *Contos Suaves*, presente no ano de 1890 e *Como nos Julgam em Portugal*. *O Estado de São Paulo*, 11 e 18 fev. 1890.

O autor do folhetim (que não foi assinado) seria, provavelmente, Filinto de Almeida. Esta autoria pode ser indicada indiretamente a partir de algumas notícias circuladas durante a publicação do folhetim.<sup>39</sup> Além disso, Filinto de Almeida era o principal redator da folha (redator efetivo) ao lado de outros como Júlio Mesquita (redator-gerente) e Rangel Pestana (chefe de redação).<sup>40</sup>

Como no *Diario do Commercio*, o folhetim não apareceu no rodapé do jornal, mas diferenciava-se ao especular sobre a existência de um crime no Paço Imperial. Assim, publicado entre os dias 20 de março e 12 de abril de 1890, *Um Crime no Paço Imperial* trazia para os leitores, com destaque e na primeira página, informações sobre o misterioso aparecimento do esqueleto, que seria a prova de um *crime bárbaro e até então desconhecido*.<sup>41</sup>

No *Estado de São Paulo*, assim como nos jornais do Rio de Janeiro, outras notícias sobre o esqueleto do Paço vinham enfatizar o seu próprio folhetim:

*À Imprensa Fluminense. Chamamos a atenção dos  
nossos ilustres colegas da capital federal para a carta*

---

<sup>39</sup> Ver *Historia dos sete dias, O Estado de São Paulo*, 24 mar. 1890 e *Um esqueleto no Paço, O Estado de São Paulo*, 29 mar. 1890. No *Correio Paulistano*, ver Sessão Livre, 22 mar. 1890.

<sup>40</sup> *O Estado de São Paulo*, 7 jan. 1890.

<sup>41</sup> O fato em si já poderia dar margens à especulação sobre sua veracidade, pois o esqueleto foi encontrado em um momento significativo, que remete à necessidade dos republicanos transmitirem uma imagem de progresso com o advento da República no Brasil. Mais ainda pelo fato de, meses antes, os jornais noticiarem um *desfalque no telégrafo*, do qual o ex-diretor Barão de Capanema havia sido preso como responsável. A quantia de quase 200:000\$000 teria sido retirada pelo caixa Ricardo dos Santos, a mando do Barão e de outras pessoas cujos nomes não foram revelados. A explicação dada pelo Barão à polícia resume-se à utilização da soma para assuntos particulares, esperando poder restituir o dinheiro ao caixa da repartição central dos telégrafos em futuro próximo. Pelo que indicam as notícias, este seria um tipo de ação corrente em períodos anteriores, ou seja, durante a Monarquia. Além disso, a instalação dos telégrafos em um lugar considerado tão sagrado durante o Império, não só destituía a imagem simbólica da realza brasileira, mas também instaurava uma nova ordem, justamente sobre aquele que teria sido o centro do poder real: a civilização e o progresso representados pelo telégrafo que, apesar de instalado no Brasil há tantos anos (1874), vinha vincular-se à nascente República.

*do dr. Florêncio de Araújo Fontes, de Itapetininga, que hoje publicamos sob o título 'Um crime no Paço Imperial'. O assunto dessa carta importantíssima merece toda a atenção dos colegas fluminenses, porque encerra esclarecimentos sobre um crime que se nos afigura hediondo e que até agora esteve envolto no maior mistério.*<sup>42</sup>

Durante os dias iniciais da publicação do folhetim existem referências similares a esta.<sup>43</sup> Claramente, fazia-se uma promoção da história para atrair os leitores/ouvintes, prometendo esclarecimentos sobre a descoberta do esqueleto que ninguém mais poderia fornecer, nem a justiça:

*Do cidadão dr. Florêncio de Araújo Fontes, advogado em Itapetininga, recebemos ante-ontem uma carta que nos encheu de admiração e de surpresa pelas revelações que contém, e que ao mesmo tempo nos alegrou por proporcionar o prazer de dar esclarecimentos à justiça pública para o descobrimento de um crime provável e até agora desconhecido.*<sup>44</sup>

Inicialmente, somos levados a acreditar na história da folha paulista; porém, no decorrer da leitura do folhetim, o que encontramos não é uma história tão diferente das outras, com recursos literários semelhantes, como a construção de personagens, as descrições detalhadas dos lugares, além das aventuras que atravessam o caminho de um dos personagens principais – Alberto Lemos.

Este suposto advogado enfatiza que a sua real intenção é fazer justiça à mulher prejudicada com o crime de assassinato, cujo marido, o solicitador Antonio Elias de Castro Ribeiro, seria o esqueleto enterrado no Paço Imperial. No último dia do folhetim, o Dr. Florêncio Fontes implora por justiça e pela prisão

---

<sup>42</sup> *O Estado de São Paulo*, 20 mar. 1890.

<sup>43</sup> Ver *O Estado de São Paulo*, 21, 23-24 e 29 mar. 1890, além de críticas aos jornais fluminenses nos primeiros dias do folhetim, antes de começar a história.

<sup>44</sup> *O Estado de São Paulo*, 20 mar. 1890.

de Jeronymo, um dos assassinos do solicitador que, com o roubo da herança, transformou-se num rico comendador:

*Pela razão, pela justiça, pela moral, urge eliminar da sociedade um ente que é a vergonha da espécie... Urge, sobretudo, desviar-lhe esta fortuna, adquirida com o mais abominável, o mais torpe e o mais cruel dos meios... Preso Jeronymo, D. Escolástica terá alcançado o seu único sonho: vingar o esposo e deixar pão aos filhos. Esperando este desfecho, agradeço-lhe de novo, sr. Redator, a condescendência com que me ofereceu as colunas do Estado de S. Paulo e assino-me cheio de veneração. Seu admirador e amigo gratíssimo, Florêncio de Araújo Fontes.<sup>45</sup>*

O autor parece firmemente empenhado em provar a veracidade da sua história, incitando o leitor a procurar outras referências do fato — que nunca se verificam.<sup>46</sup> O enredo de *Um Crime no Paço Imperial* caminha em torno de duas personagens principais: Alberto Lemos e Colaquinha. Esta é filha de D. Escolástica e do solicitador Antonio Elias de Castro Ribeiro. Alberto é filho de um advogado que mora em Porto Alegre, vai para São Paulo estudar e tem como grande ideal escrever um livro sobre os crimes ocorridos nos últimos vinte anos. Com isso, desde criança coleciona diversos casos que envolvem os mais distintos crimes e criminosos. Para Alberto, *narrações complicadas e imprevistas* eram preferíveis a qualquer outro divertimento. Através de seu pai, que era advogado, ele, quando tinha a oportunidade, sabia sobre um ou outro crime.

A história de *Um Crime no Paço Imperial* começa com o desaparecimento de Antonio Elias em 1869, após ser chamado ao Rio de Janeiro para receber a herança do pai, um rico comendador. Após um período sem notícia alguma, D. Escolástica, sem dinheiro, abre uma casa de pensão em São Paulo. Neste momento, conhece Alberto Lemos, que fica íntimo da família e começa a participar das reuniões familiares após o jantar. Alberto é uma pessoa muito especial, segundo o folhetim, pois não tem os

<sup>45</sup> *O Estado de São Paulo*, 12 abr. 1890.

<sup>46</sup> Ver, por exemplo, *O Estado de São Paulo*, 23 mar. 1890 e *O Estado de São Paulo*, 12 abr. 1890.

costumes dos outros estudantes que *saem à noite para se divertir*. Somente por este fato ele se aproxima da família, que é *muito recatada*.

Em uma destas situações, a sogra de D. Escolástica comenta sobre o desaparecimento do filho e Alberto Lemos diz que sabe o que pode ter acontecido por ouvir algo similar na casa do pai. Após compararem datas, chegam à conclusão de que o crime envolvia Antonio Elias, que sumiu porque foi brutalmente assassinado por Jeronymo, um trabalhador do Paço Imperial e dois cúmplices. A partir de então, Alberto assume uma posição central na história, passando por diversas aventuras à procura dos assassinos e da única testemunha, João Candido. Reparemos no folhetim:

*João Candido tossiu. A palavra tardava-lhe às vezes num gaguejamento, que ele disfarçava fazendo pausas. Pelas suas faces correram, mais acentuadas, as crispações nervosas. A chuva lá fora redobrou; um trovão caiu num urro pesadamente, sobre o telhado e a luz amarela e resplandecente de um relâmpago brilhou, refletindo-se nas molduras e vidros dos quadros e sumiu-se deixando outra vez tudo na meia penumbra de um lampião de querosene. João Candido principiou: – Com uma palavra vou explicar-lhe o motivo porque tenho guardado segredo acerca do medonho assassinato a que involuntariamente assisti: bastará dizer-lhe que esse silêncio não é devido à amizade pelos assassinos, mas sim pelo grande respeito que sempre tive, e tenho, pelo lugar em que se deu! – Alguma igreja? – Não senhor. Foi no Paço Imperial. – Um crime no Paço Imperial?! (continua)<sup>47</sup>*

Neste trecho, no qual Alberto Lemos narra o momento em que escutou a história sobre o crime que suspeitava envolver Antonio Elias, a descrição do ambiente é imprescindível para prender a atenção do leitor. A tempestade, a sala escura e a situação em que se encontra a única testemunha do crime causa

---

<sup>47</sup> O Estado de São Paulo, 26 mar. 1890.

um envolvimento e, no momento de mais suspense, a história é cortada até o dia seguinte. Nos dois dias imediatos, o assassinato aparece como um dos momentos de maior tensão, pois há a narração de todos os passos do assassino e seus cúmplices. No trecho a seguir, João Candido está escondido em um cesto no aposento ligado ao quarto de Jeronymo, local do assassinato:

*Horróveis instantes os que passei ali, dobrado, contrafeito, com a alma ainda mais torturada do que o corpo, e o coração aos saltos! Sem poder vencer o medo que me inspirava Jeronymo, eu percebia aterrorizado que me tornava cúmplice desse crime! Sim! porque era claro que se projetava cometer um crime! E havia de eu, miserável, assistir silencioso, agachado dentro de uma cesta velha, como um gato estúpido, a toda essa cena que estava em minhas mão evitar! Evitar... mas como?! O Jeronymo estava diante de mim, e armado. Um passo, um grito, e eu cairia vítima da sua ferocidade e do seu temor!<sup>48</sup>*

Angel Rama, em *A Cidade das Letras*, fala em uma sacralização das cidades feita pela literatura no final do século XIX.<sup>49</sup> A imprensa, veículo que poderia atingir diversos grupos sociais, estava a todo o momento trabalhando com a idéia de um projeto. O caso do esqueleto era um gancho que possibilitava, de maneira exemplar, trabalhar com imagens referentes ao período

<sup>48</sup> *O Estado de São Paulo*, 28 mar. 1890.

<sup>49</sup> Observa que os inúmeros livros que trazem a cidade do passado não devem ser usados como referências históricas rigorosas pois *o mais adequado é lê-los com a parcimoniosa edificação de modelos culturais que quer estabelecer uma nova época...* RAMA, A. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 30-31. Em outro momento observa que *a escritura construiu as raízes, desenhou a identificação nacional, enquadrou a sociedade em um projeto, mas se por um momento os homens concernidos por esses desígnios se tivessem posto a refletir, haveriam estabelecido que tudo isso que resultava tão importante eram simplesmente planos desenhados no papel, imagens gravadas em aço, discursos de palavras enlaçadas, e ainda menos e mais que isso, o que as consciências chegavam a sonhar a partir dos materiais escritos, atravessando-os com o olhar até perdê-los de vista para só desfrutar do sonho que eles excitam no imaginário, desencadeando e canalizando a força desejanete*. *Ibid.*, p. 98

imperial. O uso de alegorias para tal fim era extremamente importante. A relação entre república e progresso e império e atraso fazia parte essencial destas alegorias. Em *Um Crime no Paço Imperial* é a partir da surpresa com o local do crime que vai se construindo a mensagem principal. Oposições vão se fazendo, sempre em uma dualidade que tem no atraso e no progresso o seu sentido principal:

*Entrei para lá em junho, e entre muitos outros empregados da mesma categoria que a minha, já encontrei um tal Jeronymo, que acumulava ao seu fácil cargo de doméstico, o ofício de carpinteiro. Afinal de contas aquela casa lá por dentro era como uma vila: uns não sabiam dos outros, e creio mesmo que o imperador não calculava que de gente tinha ali! Quanto aos domésticos posso afirmar que só de longe em longe, quando tinha uma festa ou espetáculo logravam ver a família real! Assim, comia-se, bebia-se, dormia-se e o que se fazia menos era exatamente aquilo para o que nos pagavam: trabalhar.<sup>50</sup>*

Ao contrário do correto — trabalhar — fazia-se de tudo no Paço. Tal imagem ressalta não somente aquilo que se tentava criar para o Império e um dos lugares mais simbólicos do período, mas traz, sobretudo, a referência àquilo que se esperava da nova nação. Na seqüência da narrativa do folhetim, após Alberto contar a história do crime a D. Escolástica e Colaquinha, parte à procura de João Candido e dos assassinos. Enfrentando diversos contratemplos, acaba por encontrar Plácido, um dos cúmplices do assassino Jeronymo, que nunca é encontrado. Leopoldo, o outro cúmplice, morre logo após o assassinato de Antonio Elias.<sup>51</sup> Plácido era um capoeira, grande freqüentador de maxixes; ambos

---

<sup>50</sup> *O Estado de São Paulo*, 27 mar. 1890.

<sup>51</sup> Segundo João CANDIDO: *...a justiça dos homens é falha e torpe; só a de Deus é infinita. Acusar? Para que? Deus vê tudo! A prova está aqui, concluiu ele: o Leopoldo, um dos assassinos, morreu à minha vista, sacudindo as grades de ferro de uma janela e a dar gritos como os dos diabos no inferno!* *O Estado de São Paulo*, 2 abr. 1890

eram companheiros de baralho de Jeronymo, que tinha no jogo o seu principal divertimento.<sup>52</sup>

Era o ambiente em que viviam que os degenerava. Imerso em um lugar de ócio, Jeronymo que, como diz o folhetim, não possuía outros vícios que não fosse o jogo, pois *no mais apresentava bom comportamento*, foi convencido por Plácido a cometer o crime para roubar a herança de Antonio Elias. Plácido será um personagem importante a partir de então para a construção de várias imagens, exemplificando os aspectos negativos do período imperial. Alberto encontra o capoeira em sua taberna, chamada Lanterna de Ouro. Ele era casado com Luíza, uma italiana que tinha Romão como amante:

*...Romão segredava coisas ao ouvido da italiana, até que esta, vigiando o marido e, vendo-o preocupado, curvou-se, passou por baixo da porta do balcão, e roçando por mim as saias muito sujas, fugiu com o Romão para a rua, sem que, na confusão do barulho, o marido desse por tal! Eu quis sair também, nauseado d'aquela charco, receando ser encontrado em tal companhia pela polícia; mas era tarde! Estava dentro de um círculo cada vez mais apertado, os ferros brilhavam; houve alguém que se lembrou de apagar o gás. No meio da escuridão e do cheiro de sujidade e mau vinho entornado rolavam os corpos, esbarrando de encontro às portas fechadas, e soavam a par de gemidos dos oprimidos, imprecações e obscenidades dos opressores...<sup>53</sup>*

A situação acima é a de uma briga que acaba com a chegada da polícia. O personagem Alberto Lemos é mostrado como se fizesse parte de outro mundo: ele é o bom rapaz que faz tudo pelo amor de Colaquinha, uma moça pobre e sem atrativos. Mas as investigações de Alberto param devido a problemas familiares. Com a morte do pai e a ruína financeira da família, o herói é

---

<sup>52</sup> À noite se reuniam no seu quarto, que era ao mesmo tempo oficina, dois companheiros, ambos mulatos; um baixo e bexigoso, outro alto e magro, de grande trunfa arrepiada. *O Estado de São Paulo*, 27 mar. 1890.

<sup>53</sup> *O Estado de São Paulo*, 3 abr. 1890.

obrigado a voltar para Porto Alegre, onde permanece durante muitos anos, trabalhando sem intervalo para sustentar a família:

*Alberto tornou-se responsável pela casa, tinha de manter a família. A irmã mais velha estava tísica; a segunda sofria de ataques histéricos; a mãe estava acabrunhada pela perda do marido, e parecia indiferente a tudo! A doença do velho absorvera todas as economias e ainda deixara dívidas que Alberto teria de pagar em prestações, dolorosamente! Mas pagar como? Como sustentar uma família de seis pessoas, entre as quais duas crianças na idade de entrarem para o colégio? Essa perspectiva amedrontava o infeliz rapaz! Não que ele temesse o trabalho, mas porque assim teria de renunciar à continuação dos estudos, e sobretudo porque não lhe seria fácil voltar a São Paulo nem tornar a ver Colaquinha, em quem resumia todos os seus sonhos de felicidade futura!<sup>54</sup>*

É interessante notar como, embora Alberto viesse a trabalhar, e mesmo a renunciar a seus ideais por causa do trabalho, nunca conseguiria manter a família adequadamente, e só retorna à vida anterior após a herança repentina de um parente. Apesar da valorização do trabalho como a virtude maior, os personagens principais nunca conseguiam a felicidade somente com ele. A mensagem do folhetim, que estaria principalmente na valorização do trabalho como a maior virtude da nova sociedade não deixa de apontar a impossibilidade de realização pessoal em função unicamente do trabalho, contradizendo o sentido geral e subvertendo a intenção pedagógica.

Alberto Lemos, afinal, acaba por conseguir desvencilhar-se do trabalho para voltar à investigação. Neste instante, retoma contato com D. Escolástica e Colaquinha e retorna ao Rio de Janeiro, em 1890. A história, contada a partir do presente – março de 1890 – começa em 1869, com o sumiço de Antonio Elias. Neste momento – 1890 – a situação muda inteiramente de face com Plácido na cadeia, aguardando pela deportação para Fernando

---

<sup>54</sup> *O Estado de São Paulo*, 4 abr. 1890.

de Noronha ao lado de outros capoeiras, devido a uma política do novo governo: – *Este governo tem feito uma limpa desses malandros aqui no Rio.*<sup>55</sup> Romão, ex-dono de um quiosque, passa a vender ingresso de teatro e mora com Luíza, que se tornara uma moça *limpa e caseira*. Alberto Lemos procura-os, mas não encontra mais a taberna, que se transformou completamente:

*A taberna do Plácido tinha desaparecido; em seu lugar havia uma casa reformada, com balcões envernizados, vidraças e prateleiras cheias de doces, conservas e frutas. Em vez da Luíza ensebada a fazer 'crochet', vi duas moças bem trajadas, vestidos claros, chapéus guarnecidos de rosas e musgo, todas garbosas, mostrando os dentinhos a triturar os 'sandwiches'...*<sup>56</sup>

Repentinamente tudo mudou. Não havia mais quiosque, taberna, capoeiras. As pessoas estavam vivendo de uma maneira regrada – como Luíza – que, embora não fosse realmente casada com Romão, vivia como uma *boa dona-de-casa*. Após diversos contratemplos, acaba-se por quase chegar a uma solução da investigação com o encontro entre Alberto e Plácido na cadeia. Este só foi possível devido a favores pessoais:

*O que me preocupava agora era arranjar uma carta de apresentação para o chefe de polícia. Quem me arranjaria? Lembrei-me do meu companheiro de viagem, o médico; ele dizia-se bem relacionado... [...] Pedi-lhe a carta, dizendo tratar-se de um negócio grave e urgentíssimo... – Mas, filho! Respondeu-me ele [...] eu não conheço ninguém que se dê com o homem... olhe, quem talvez lhe possa arranjar alguma coisa é o Menezes... ele é amigo da velha, até compadre... – Mas que Menezes, mas que velha? – Cá a patroa da casa... dá-se muito com o ex-deputado Menezes Barbosa... [...]*<sup>57</sup>

<sup>55</sup> PALAVRAS de Romão sobre Plácido. *O Estado de São Paulo*, 10 abr. 1890.

<sup>56</sup> *O Estado de São Paulo*, 9 abr. 1890.

<sup>57</sup> *O Estado de São Paulo*, 10 abr. 1890.

A questão dos favores era corrente durante o século XIX e nada se aproximava da igualdade idealizada pela República, pois só se conseguia alguma coisa através de uma rede de relações. No folhetim, entretanto, esta característica da sociedade não é vista de maneira negativa. A mesma distinção que marcava aqueles que possuíam títulos nobiliárquicos no Império, característica tão negada pelos republicanos, acaba por resistir bravamente ao novo sistema.

Como no caso da não realização pessoal através do dinheiro, a presença inevitável dos favores acaba por desnudar um tipo de relação que estava ligada profundamente à vivência das pessoas de todas as camadas sociais e que não poderia desaparecer tão rapidamente quanto desejava o discurso em favor da República. Mais uma vez, uma característica fundamental daquela sociedade era desmascarada e deixava transparecer algo que fazia sentido para todos os possíveis leitores.

Mas, mesmo desvendando estas características inevitáveis e que levam à percepção de que o texto jornalístico não conseguia simplesmente realizar uma intenção pedagógica, pois revelava algo para além do que realmente pretendia, são evidentes em todo o folhetim as contraposições que se referem ao império como um lugar de promiscuidade, ócio, barbaridades, atraso. Esta é uma história construída - apesar de certos limites - por um jornal republicano que idealizava um novo país, não somente pela troca de governos, mas pela realização do progresso e da civilização.

#### A EXUMAÇÃO DO IMPÉRIO: UM ESQUELETO CÉLEBRE

José Murilo de Carvalho conclui em *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil* que a população em geral ficou à margem dos acontecimentos de fim de 1889. Segundo ele, as tentativas de representar a República alegoricamente falharam no Brasil pela ausência de uma *comunidade de imaginação*. A utilização de elementos importados - como a mulher representando a república - não havia se enraizado devido à ausência de solo fértil.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Ver CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1985.

Lilia Schwarcz afirma novamente essa tese recorrendo principalmente à popularidade do Imperador nas vésperas da instalação da República decorrida da Abolição da escravidão. No entanto, não deixa de lembrar das constantes críticas ao Imperador que começaram a ocorrer por volta de 1870. Esta autora comenta as imagens caricaturais de D. Pedro II na imprensa e também se refere ao *escandaloso caso do roubo de jóias da coroa*, ocorrido em 1882 e com ampla divulgação na imprensa.<sup>59</sup>

Esta negativização da imagem do Império e do Imperador, que era bombardeada nos jornais desde antes da mudança de regimes, possibilita, portanto, uma interpretação diversa daquela proposta por José Murilo de Carvalho. No Brasil existia uma divulgação da República através, sobretudo, de formatos populares como o folhetim.

Uma *comunidade de imaginação*<sup>60</sup> poderia ser possível se elementos que fizessem parte do cotidiano das pessoas fossem valorizados, principalmente nestes formatos mais populares. Além disso, não haveria uma publicação ostensiva de matérias sobre o Império se este tema não fosse de interesse da maioria dos consumidores de jornal. Ligá-lo a outro tema recorrente, como o crime, tornava não apenas aceitável e interessante a sua leitura, como dava margem para representações negativas do Império e a conseqüente preparação de terreno para uma possível e desejada transformação do sistema político.

As identidades nacionais são formadas e transformadas relativamente a representações.<sup>61</sup> Como produtores de uma comunidade simbólica, os folhetins induzem os leitores a pensarem na nação. A propaganda republicana – idealizando

---

<sup>59</sup> Este caso também gerou folhetins na imprensa e se refere a um roubo de jóias ocorrido no Paço e encoberto por D. Pedro II. Ver sobre a impopularidade do Imperador e o caso do roubo de jóias da coroa SCHWARCZ, *As barbas...*, passim. Há uma compilação das notícias de jornal e dos folhetins referentes ao roubo de jóias em PAULA, S. G. (Org.). *Um monarca da fuzarca: três versões para um escândalo na Corte*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

<sup>60</sup> Termo utilizado por Benedict ANDERSON em *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>61</sup> Segundo HALL, S. *Identidade cultural*. [São Paulo]: Fundação Memorial da América Latina, [S. d.]. Coleção Memo, p. 54, uma nação não é somente uma unidade política, mas algo que produz significados, sendo uma *comunidade simbólica*.

uma nova nação — fazia-se em meio ao entretenimento que as histórias proporcionavam.

Paralelamente, a proporção que o jornal tomava no cotidiano das pessoas era bem mais intensa do que nos dias de hoje,<sup>62</sup> pois era o único veículo de comunicação diária. Desta maneira, poderia ser um excelente transmissor de mensagens. O caso do esqueleto parece inserir-se em um movimento que já vinha ocorrendo há muito tempo e que criava um repertório negativo sobre o Império, em oposição à República. A nova ordenação era percebida através da relação entre ordem e progresso, sendo a ordem uma pré-condição para o progresso.<sup>63</sup> Idéia aparente nas folhas do período e que tinha em jornais republicanos uma oportunidade de vincular o progresso à nova ordem que surgia.

Esta imagem tentava transmitir uma mensagem, baseada na criação de alegorias que remetiam a estes pólos e podiam indicar uma tentativa de penetração em um universo cultural e social mais amplo. Mas também podiam indicar que, para além da pedagogia existente, funcionando como uma propaganda mais sutil de republicanismo, em alguma medida os indivíduos consumidores de jornal compartilhavam de alguns sentidos existentes nos folhetins. Estes poderiam não se limitar à aceitação passiva de determinados conteúdos, mas a uma assimilação, uma reflexão e talvez uma nova construção de significados. Pois, como foi visto, as narrativas apropriavam-se de mudanças sociais, de pessoas que poderiam fazer parte do cotidiano de muitos leitores (capoeiras, trabalhadores em geral) e retomavam possíveis relações (paternalismo e proteção).

---

<sup>62</sup> Lima BARRETO explicita muito bem a inserção social da imprensa em *Recordações do escrivoão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>63</sup> Margarida de Souza NEVES enuncia o projeto existente nesta época, cujas intensivas reformas urbanas do Rio de Janeiro eram um de seus ícones: *Ciência, razão, progresso e liberalismo econômico: eis as colunas mestres da modernidade européia que deveriam ser implantadas no Brasil, a qualquer preço, na virada do século. A euforia do progresso toma conta das elites do país [...] Modernizar, civilizar e progredir são sinônimos de um mesmo movimento interno: enterro do Brasil arcaico, atrasado, identificado com a fase imperial anterior. [...] Mas o que era ser moderno? Era ser adepto das novas idéias e aberto às inovações em todos os campos da vida social.* NEVES, M. de S. Brasil, acertai vossos ponteiros. In: *Museu de astronomia e ciências afins*. Rio de Janeiro: MAST, 1991. p. 67.

Os três folhetins, embora com enredos distintos, têm os significados muito próximos e referentes unicamente a um Império desgastado. Ou seja, a imagem era a de que a República seria a única alternativa possível, promovendo o progresso e a civilização inexistentes anteriormente. Os letrados, aqueles que escreviam nos jornais, transformaram o Brasil em uma floresta de signos, idealizando projetos e modelos.<sup>64</sup> Todos os folhetins tratados estão imersos nesse movimento. Mais do que deixá-lo cair no esquecimento, era necessário que se construísse uma memória negativa do período imperial. E, além disso, visualizar uma nova sociedade, que se tornaria mais facilmente assimilável caso houvesse a criação de uma dualidade, remetendo a um passado imperial atrasado ou a um futuro (presente) republicano e civilizado, com uma sociedade fundamentada no progresso. Mesmo que este progresso significasse, literalmente, enterrar o Império, desenterrando seus esqueletos e todos aqueles que mais o representavam.

---

<sup>64</sup> Como observa RAMA: *...é possível inverter o processo: em vez de representar a coisa já existente mediante signos, estes se encarregam de representar o sonho da coisa.* RAMA, op. cit., p. 30-31

## **A SKELETON IN THE IMPERIAL PALACE: LITERATURE AND POLITICS IN FEUILLETONS AT THE DAWN OF THE REPUBLIC**

### **ABSTRACT**

In March, 1890, a skeleton was found in the Imperial Palace. The Republic had just been established in the country and the press was much interested in the event. The finding of the skeleton gave rise to several articles and fictional accounts published in papers such as *O Estado de São Paulo*, *Gazeta de Notícias* and *Diário do Commercio*. The story thus acquired meanings pertaining to the political events of the period.

### **KEYWORDS**

Journalism; Crime; Republic; Press



Semana Illustrada, Rio de Janeiro, 12 fev. 1871, p. 4248.